

Caciquismo prolongado

A eleição do senador Ramez Tebet para a presidência não põe um ponto final na crise do Senado, mas encerra uma lição que, se bem observada, serve também ao cenário até agora posto para a sucessão presidencial: não há na política brasileira gente com liderança suficiente, capacitação profissional e biografia blindada o bastante para assumir posições de destaque a bordo de um razoável consenso entre aliados.

Se na questão do Senado isso se evidenciou pela carência, no que diz respeito à Presidência da República existe uma situação semelhante, mas com sinais trocados: há excesso de proponentes. O que dá no mesmo, porque se todos valem igual, ninguém tem um valor tão especial que justifique receber o apoio natural de seus pares.

Note-se, aliás, que a referida carência não se restringe a este ou àquele partido e talvez seja fruto do mal do caciquismo prolongado que acomete a nossa política. Costuma-se atribuir a falta de novos e bons valores aos efeitos da ditadura. Isso houve. Mas há limites para as nefastas consequências de um regime que já não vigora há 26 anos.

Instaurou-se o sistema civil e democrático e até hoje contam-se nos dedos quais foram mesmo as novas lideranças que surgiram. E até elas, pelo excesso de uso, acabam também vítimas da fadiga de material.

Tome-se o exemplo do PT, que se oxigena partidariamente, mas só abre espaço privilegiado a políticos para atuação nos cenários regionais. Donde acaba o partido arriscando-se à consolidação da via do samba de uma nota só em eleições nacionais.

Do PDT, nem se fala. O partido agoniza, vítima da doença nada infantil do personalismo. Já o PSDB perdeu quadros, regionalizou outros, engessou alguns em postos no Executivo, mas a partir de 2002 verá que com um filho só não se faz a luta.

O PMDB e o PFL sofrem do mesmo mal em diferentes dimensões. O primeiro quer recuperar glórias passadas sem notar que eram referenciadas em figuras que não estão mais entre nós e causas que já foram resolvidas, como a luta contra o regime militar.

Mas o que faz o partido agora? Prende-se à defesa de Jader Barbalho no Conselho de Ética e começa a agir dentro do Parlamento pela lógica da briga pela supremacia do poder partidário frente às outras forças. Nisso tem como parceiro ideal o PFL. O partido tinha a intenção de renovar-se, por isso foi buscar na boa imagem de Roseana Sarney uma referência nacional.

Só que, ao retirar-se do plenário durante o discurso de Ramez Tebet – cuja candidatura desagradou sobremaneira a Antonio Carlos Magalhães –, mostrou que ainda age de acordo com os humores do grão-mestre.

Ou seja, os ectoplasmas dos dois caciques é que, na verdade, continuam a comandar as ações de uma tribo que parece conformada à eterna condição de agente do personalismo velho de guerra, tão nefasto partidariamente quanto eleitoralmente cada dia menos eficaz.

PERSONALISMO
É MAL QUE
ACOMETE
OS PARTIDOS
E SUFOCA
LIDERANÇAS